

HINKELLAMERT, FRANZ J. CAPÍTULO 3 “O MARCO CATEGORIAL DO ATUAL PENSAMENTO NEOLIBERAL” DO LIVRO CRÍTICA DA RAZÃO UTÓPICA. TRAD. SILVIO SALEJ HIGGINS. SÃO PAULO: ARGOS, 2013, 414P¹

Data de aceite: 01/12/2023

Francisco José Turra

Doutor em Direito pela Faculdade Autônoma de Direito (FADISP). Doutor em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutor e Mestre em Controladoria e Finanças pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

O texto apresentado no Capítulo 3 “O marco categorial do atual pensamento neoliberal” do livro *Crítica da razão utópica* é proveito de uma análise, elaborada por Hinkellamert, do marco categorial neoliberal a partir da teoria de Friedrich Hayek, apoiada especialmente em sua conferência “A pretensão do conhecimento”², pronunciada quando recebeu o prêmio Nobel de Economia.

Hayek nasceu em Viena, Áustria, no ano de 1899 (morreu em 1992, com 93 anos), posteriormente naturalizado britânico em 1938. Foi um economista austríaco que se notabilizou pelas defesas

a respeito do liberalismo econômico, e pelas suas teses a respeito do papel do governo na economia. Após a primeira guerra mundial, Hayek se tornou um defensor das ideias socialistas. Embora fosse um socialista moderado, que não defendia as revoluções armadas, ele era um grande entusiasta do controle do estado na economia. Contudo, influenciado principalmente pelas ideias do economista Ludwig von Mises, Hayek posteriormente veio a admitir a sua falha de pensamento e se tornou um grande defensor do liberalismo. Obteve doutorados da Universidade de Viena entre 1921 e 1923 em direito e em economia política.

Depois, passou a lecionar em diversas faculdades da Europa, dentre elas a renomada London School of Economics. Passou o maior tempo de sua carreira na London School of Economics (LSE), na Universidade de Chicago e na Universidade de Freiburg. A ideia principal do economista era de que a economia deveria funcionar

¹ Publicado originalmente na Revista *Pensamento Jurídico*, v. 15, n. 2 (2021).

² Edição brasileira: Hayek, Friedrich. *A pretensão do conhecimento*. Humanidades, Brasília: UnB, v. II, n.5, p. 47-54, out.-dez. 1983.

livremente e sem intervenções estatais. De acordo com ele, um planejador central (estado), mesmo que bem intencionado, estaria destinado ao fracasso.

Franz Josef Hinkelammert nasceu em Emsdetten, Alemanha, em 12 de janeiro de 1931. É um teólogo e economista, influente teórico da Teologia da Libertação e crítico do capitalismo, desde o ponto de vista teológico. Hinkelammert acreditava que seria necessário repensar criticamente a teologia no contexto da globalização, pois o atual processo de globalização seria a absolutização da “lei do mercado total”, cuja lógica inexorável seria uma ameaça à própria vida. Nessa perspectiva a Teologia da Libertação deveria defender a “opção pela vida ameaçada” dos excluídos. A globalização estaria proporcionando um marco legal a um totalitarismo do mercado, com base na alegação de que «não há alternativas ao modelo», em detrimento dos direitos humanos.

Hinkelammert inicia sua análise com uma “introdução”, discorrendo sobre o pensamento liberal e o neoliberal. Afirma que o pensamento liberal original é a superação das sociedades anteriores. E que o pensamento liberal original, ainda que seja também um pensamento de legitimação da sociedade burguesa, dirige-se contra as sociedades pré-capitalistas. Legitima, portanto, a sociedade burguesa, deslegitimando a sociedade pré-capitalista, em especial a sociedade feudal dos séculos XV ao XVIII. Já, o pensamento neoliberal do século XX é um pensamento que busca evitar a superação da sociedade burguesa pela sociedade socialista. A sua legitimação da sociedade burguesa passa pela deslegitimação da sociedade socialista.

No primeiro ensaio **O mercado como realidade precária de partida: a impossibilidade de uma tendência ao equilíbrio**, Hinkelammert argumenta que ao orientar-se de forma específica à sociedade burguesa, o neoliberalismo determina esta realidade precária a partir da instituição burguesa central: *o mercado*. Que se trata de um pensamento de mercado, e o mercado é seu conceito empírico central. Que este mercado é entendido no marco de uma realidade precária. Que a economia de mercado está em perigo, e suas ameaças são as mesmas que identifica o pensamento conservador: o egoísmo e a estupidez. E que, a partir deste mercado ameaçado como conceito empírico central, o pensamento neoliberal elabora também seu marco categorial de forma polarizada.

Hinkelammert finaliza aqui afirmando que nesta elaboração aparecem conceitos-limite polarizados que são, novamente, por um lado, o caos, e, por outro, o mercado perfeito ou modelo de concorrência perfeita. Afirma ainda que de modo dogmático, o neoliberalismo sustenta que a afirmação das condições gerais do mercado termina aproximando este de sua idealização. E que trata-se de um círculo vicioso.

No segundo ensaio **A concorrência perfeita e os conceitos transcendentais**, Hinkelammert sustenta que aparece, porém, uma contradição adicional que já analisamos no caso do pensamento conservador. Que se trata da relação entre função social de legitimação e a plausibilidade perfeita de um conceito-limite - nesta última não é necessária outra legitimação diferente da simples presença do mundo social. Para ele, o conceito-limite

de plausibilidade implica a ausência da função social de legitimação. Que, por outro lado, a função social de legitimação existe porque a realidade é precária e, portanto, não consegue legitimar-se completamente pela sua própria presença. Entende que teoria formal do direito chega ao mesmo resultado: o processo social do direito pressupõe, para sua existência, que o direito não seja perfeitamente acatado. Um perfeito cumprimento do direito implica a inexistência do processo social e empírico do direito. Também neste caso, o conceito de cumprimento perfeito do direito diz o que não se pode, e, partir daí, descreve o marco de possibilidades do desenvolvimento do direito que se tem empiricamente.

Hinkelammert conclui aqui que há confusão no pensamento neoliberal: Sustenta tal tendência empírica em busca de um conceito-limite e transcendental (excedente, ultrapassa o limite). Diz que, ainda que Hayek perceba este caráter de conceito-limite da concorrência perfeita, não se dá conta deste caráter do conceito. E que, só assim pode continuar sustentando uma tendência empírica ao equilíbrio, cuja impossibilidade teria sido demonstrada mediante o reconhecimento do equilíbrio da concorrência como conceito transcendental.

No terceiro ensaio **A alternativa ao mercado: o socialismo como utopia**, Hinkelammert vai afirmar que Hayek emprega em sua crítica ao socialismo: é simultaneamente, uma sequência antiutópica e antissocialista. E que esta contém três etapas:

1. A utopia socialista é o projeto de uma sociedade sem relações mercantis. Esta teria que determinar os produtos que se elaboram, os fatores que se empregam e o abastecimento das pessoas sem recorrer ao mercado. Isso só é possível se pelo menos um indivíduo tem conhecimento perfeito do conjunto de todos os acontecimentos.
2. Não é possível que uma pessoa ou uma instituição possa ter um conhecimento perfeito que torne possível um planejamento em que se possa substituir o mercado em sua função de alocação de recursos.
3. O socialismo faz uma tentativa de efetuar um planejamento central capaz de substituir o mercado como esfera da alocação de recursos. Portanto, tenta o impossível. Ao tentar o impossível, o socialismo é irracional e produz caos, destruição e tirania.

Hinkelammert continua e diz que Hayek argumenta que para que o socialismo seja possível teria que poder calcular positivamente o equilíbrio descrito pela teoria da concorrência perfeita; porém, como não pode e, apesar disso, tenta fazê-lo, o socialismo conduz a irracionalidade econômica, ao caos e a destruição. E que, a tentativa do socialismo leva a concentração do poder em uma mão, e este poder concentrado e tirânico porque não pode ser racionalmente empregado. Ainda que o planejamento socialista acumule poder, não tem forma racional de empregá-lo e, portanto, suas decisões são necessariamente

irracionais e arbitrárias. Von Mises fala, em relação ao socialismo, de um “caos ordenado”³.

Hinkelammert continua e diz que a partir da sequência antiutópica mencionada, Hayek tem agora um modelo de ação que tenta explicar a passagem da utopia ao caos, algo que a análise conservadora de Berger somente podia anunciar sem explicá-lo. E que o utópico é o antimercantil e, como tal, é o impossível assim como o motivo aparentemente humano que conduz ao caminho da desumanidade total. E que é a desumanidade camuflada como humanidade, como diz o título de um livro de Hayek, é o “caminho a servidão”⁴.

Hinkelammert vai além e pondera que para Hayek, efetivamente, o problema não é a concentração de poder, mas a incapacidade do poder concentrado de atuar segundo critérios racionais.

No quarto ensaio **A inconsistência da teoria geral do equilíbrio: o salário de subsistência**, Hinkelammert aponta que na derivação do marco teórico-categorial da economia neoclássica, aparecem duas proposições que são chaves para a avaliação crítica de seus resultados:

- 1) Derivar exclusivamente o equilíbrio econômico geral a partir de indicadores mercantis. Isto implica que este equilíbrio geral está descrito, unicamente, em preços relativos, o que permite reduzir a descrição do equilíbrio a estes indicadores mercantis.
- 2) Sustentar que uma justiça social, enfrentada às leis do mercado, não pode ser realizada racionalmente, a menos que seja feita nos termos de um planejamento total que prescindir dos indicadores mercantis. Ao ser impossível o conhecimento perfeito correspondente, chega-se a conclusão de que a realização da justiça social é impossível e utópica, de tal forma que não existe outra alternativa racional da organização da economia que não seja o mercado total.

Hinkelammert vai dizer que essas duas teses estão conectadas entre si e conformam as teses-chave do pensamento neoliberal. E que, temos que ver agora seu grau de validade, a começar pela crítica da redução do equilíbrio geral a um equilíbrio exclusivamente de indicadores mercantis.

Hinkelammert afirma aqui que chegamos, assim, ao resultado seguinte: se, na teoria geral do equilíbrio neoclássica, introduzimos a necessidade da subsistência humana e, por derivação, da natureza exterior, esta teoria deixa de ser consistente e torna-se contraditória. E que, entretanto, qualquer pronunciamento realista sobre a economia deve considerar tais elementos. Assim, ao tomar, portanto, a teoria do equilíbrio como uma teoria da economia real, ela é inconsistente e deixa de ser válida como tal. Ele continua, ao afirmar que não falta somente uma tendência do mercado ao equilíbrio pelo fato da solução sucessiva de um sistema de equações lineares em mudança constante, mas também o próprio equilíbrio não é consistente e, então, não existe. E que, assim, o mercado não tem uma tendência ao equilíbrio nem um conceito-limite consistente desse mesmo equilíbrio.

3 VON MISES, Ludwig. *Bureaucracy*. New Have: Yale University Press, 1946.

4 HAYEK, Friedrich. *O Caminho para a Servidão*. Lisboa: Edições 70, 2009.

No quinto ensaio **A inconsistência da teoria geral do equilíbrio: o pressuposto do conhecimento perfeito**, Hinkelammert vai expor que até agora tínhamos tratado a teoria geral do equilíbrio como se fosse formalmente consistente, perdendo sua consistência somente quando se considerava a impossibilidade de conservar o pressuposto da variabilidade ilimitada dos salários. E que, embora ainda que não se considere este ponto e se aceite o pressuposto já mencionado da variabilidade, o sistema de equações lineares da teoria do equilíbrio contém outra inconsistência a partir de sua formulação puramente formal, algo que Oskar Morgenstern analisou pela primeira vez.

Hinkelammert prossegue, e diz que a previsão perfeita não permite um equilíbrio entre concorrentes. Portanto, Morgenstern conclui “que o pressuposto da previsão perfeita sai do marco da teoria”⁵. Para ele, esta argumentação de Morgenstern demonstra que é falsa a afirmação de Hayek de que “se conhecêssemos todos os parâmetros dessas equações (da teoria geral do equilíbrio), poderíamos calcular os preços e quantidades de todas as mercadorias e serviços vendidos”⁶. Se conhecêssemos tudo, teríamos a paralisação total e nenhum dado determinado.

Hinkelammert infere aqui que, para ter uma formulação consistente do equilíbrio econômico, temos que passar a análise de equilíbrio planejado. Assim, o paradoxo de Morgenstern demonstra que um equilíbrio concorrencial não pode ser pensado consistentemente. Demonstra igualmente - por derivação - que o único equilíbrio que pode ser pensado de forma consistente é o equilíbrio planejado.

No sexto ensaio **A ética do mercado: o mercado milagroso, a humildade e o orgulho**, Hinkelammert declara que em termos éticos, Hayek formula agora a polarização entre a aceitação do mercado, como âmbito automático do equilíbrio, e a sedução utópica da justiça social, como se fosse uma luta entre humildade e orgulho. Que toda sua análise da sequência antiutópica é, de fato, uma preparação desta acusação de orgulho contra os socialistas. E que o método para a constituição desta ética do mercado, a partir da teoria econômica, é a transformação do mercado em um ser milagroso, uma entidade que representa no mundo aquela força onisciente que só o utopista pretende deter.

Hinkelammert vai dizer que para Hayek, o milagre consiste em que, no caso de escassez de uma matéria-prima, dezenas de milhares de seres humanos podem ser levados a poupar este material e seus produtos, cuja identidade poder-se-ia estabelecer somente em pesquisas de longos meses, sem que sejam dadas quaisquer ordens e sem que apenas um pequeno grupo conheça as causas. Isso é suficientemente milagroso. Na visão neoliberal, *o ser humano é livre tanto quanto os preços são livres*. A libertação do ser humano é consequência e também subproduto da liberação de preços. Ao liberar os preços o ser humano é libertado. Desta forma, é negada qualquer liberdade humana anterior às

5 HAYEK, Friedrich. La pretensión del conocimiento. In _____. *Inflación o pleno empleo?* Madrid: Unión Editorial, 1976, p. 19.

6 HAYEK, Friedrich. La pretensión del conocimiento. In _____. *Inflación o pleno empleo?* Madrid: Unión Editorial, 1976, p. 19.

relações mercantis ou anterior ao mercado. Portanto, é negado também qualquer exercício da liberdade a medida que este possa entrar em conflito com as leis do mercado. Liberdade é mercado, e não pode haver intervenção estatal no mercado em nome da liberdade. Liberdade é submissão do ser humano as leis do mercado, e não se reconhece nenhum direito humano que não se derive de uma posição no mercado. Os direitos humanos se esgotam no direito de propriedade. Assim é a mística das relações mercantis.

Hinkelammert interpreta que as virtudes do mercado corresponde a liberdade dos seres humanos e, como prêmio da história, o milagre econômico. Aos pecados contra o mercado corresponde o tratamento como pupilos do Estado e reféns; e como castigo, o caos. Porém, tanto as virtudes como os pecados são pagos nesta vida. As virtudes pelo milagre econômico e os pecados pelo caos, o desemprego, o empobrecimento, o subdesenvolvimento, etc. Ali cabem arrependimentos e retificações, mas, no juízo final, ninguém escapa: História mundial, Juízo final. Em termos neoliberais se transforma assim: Mercado mundial, Juízo final. E em termos do anarcocapitalismo que expressa bem a perspectiva totalitária do neoliberalismo: Mercado total, Juízo final.

No sétimo ensaio **A aproximação ao equilíbrio: anti-intervencionismo**, Hinkelammert pretexto que, dada essa moral básica da humildade e do orgulho, a ideologia neoliberal constrói seu conceito de aproximação temporal ao equilíbrio. A partir da nova crise econômica mundial dos anos 60 termina o auge econômico que tinham vivido os países capitalistas do centro com posterioridade a segunda guerra mundial. Tal fato foi mais notório com a crise do petróleo a partir de 1973. E o neoliberalismo surge como uma resposta ideológica a esta crise econômica.

Hinkelammert diz que o neoliberalismo surge como uma resposta ideológica a esta crise econômica. Apesar de ser uma crise comparável a outras crises anteriores do sistema capitalista mundial, esta resposta ideológica é diferente a muitas anteriores. Crises mundiais desta profundidade e duração já houve várias, em especial nos anos 30 do século XX e nos anos 30-40 e 70-80 do século XIX.

Hinkelammert coloca que na crise mundial a partir dos anos 70 do século XX, a resposta ideológica volta a ser uma ideologia empresarial extremista que se parece muito ao *manchesterianismo* do século XIX, repetindo até certo ponto os esquemas teóricos daquele. Em relação à crise dos anos 30, a ideologia de hoje é nova e significa uma ruptura. Entrementes, em relação à história das crises capitalistas, esta nova ideologia do *chicaganismo* é uma replica do velho *manchesterianismo*. O *neoliberalismo* é o *chicaganismo*.

Hinkelammert continua aqui sua arumentação e afirma que agora, o neoliberalismo simplesmente inverte tal tese e sustenta, contra todas as evidências empíricas, que é justamente o intervencionismo estatal a própria causa da crise. Por meio de uma virada sofisticada muito audaz, declaram-se as tentativas de evitar as crises e superá-las como sendo a própria causa destas crises. Surge assim uma alternativa burguesa nitidamente

empresarial de um capitalismo radical. A empresa capitalista reivindica o mundo como espaço livre para suas ações. O capitalismo radical é um romantismo em nome do capitalismo inicial, um regresso às origens. Este anti-intervencionismo precisa, para ser possível, de uma alta concentração de poder no Estado. Para poder destruir o Estado intervencionista, é preciso um novo e maior poder estatal que seja capaz de calar as reivindicações que visam intervenções estatais.

De acordo com Hinkelammert, ao diminuir, portanto, as intervenções no campo econômico e social, aumentam em maior proporção as atividades repressivas estatais, as despesas com polícia e exército. A repressão policial liberta; as despesas sociais escravizam: esse é o lema do novo Estado anti-intervencionista, que é, em muitas partes, simplesmente um Estado policial. Neste contexto, Hayek considera inevitável a existência de poderes absolutos: “Poderes absolutos que deveriam ser exercidos, efetivamente, para evitar e limitar todo poder absoluto no futuro.”⁷

No oitavo ensaio **A aproximação ao equilíbrio: os sindicatos e as despesas sociais do governo**, Hinkelammert arrazoa que nesta visão neoliberal do anti-intervencionismo, aparece uma nova concepção da aproximação ao equilíbrio econômico que substitui a aproximação à concorrência perfeita dos liberais neoclássicos. Aparece como principal elemento da aproximação ao equilíbrio econômico aquilo que Hayek denomina “regras gerais de conduta”. O núcleo dessas regras é a orientação pela maximização dos lucros à partir do reconhecimento irrestrito da propriedade privada e do cumprimento dos contratos estritamente individuais.

Assim, a consigna antimonopólica busca assegurar que, de forma efetiva, empresas e indivíduos façam contratos entre si sem nenhuma ingerência “externa”.

Para Hinkelammert, nessa perspectiva, o monopólio é duradouro sómente se o Estado o sustenta. Uma política antimonopólica é ineficaz e também danosa. O mercado é quem dissolve os monopólios pela sua própria dinâmica. Os sindicatos, são monopólios da oferta de mão de obra que contam com o reconhecimento e a proteção estatais. É preciso garantir a liberdade de contratos no mercado de trabalho.

De acordo com Hinkelammert, o neoliberalismo, em consequência, se pronuncia contra a cartelização das indústrias e da oferta de mão de obra. Friedman diz que os sindicatos operários funcionam como “empresas que oferecem os serviços de cartelizar uma indústria”. Desta forma, os sindicatos passam a ser a principal ameaça contra a liberdade de mercados. Entre as indústrias a concorrência é como se fosse perfeita, mas entre os operários não. Portanto, há desemprego e desequilíbrio no mercado de trabalho. O salário aparece como preço de concorrência.

Hinkelammert ainda afirma assim que pede-se a realização de todas as atividades pelo mercado. Primeiro, naturalmente, as atividades econômicas. Friedman faz uma lista das intervenções que devem desaparecer: “ [...] os programas agrícolas, benefícios

7 HAYEK, Friedrich. Entrevista. Santiago: Jornal El Mercurio, 12 abr. 1981.

gerais para os idosos, leis do salário mínimo, legislação em favor dos sindicatos, alíquotas, regulamentos para concessão de licenças nos ofícios e nas profissões, e assim sucessivamente, no que parece não ter fim.”⁸

No nono ensaio **A aproximação ao equilíbrio: o anarcocapitalismo**, Hinkelammert contende que o que parece não ter fim é, ao mesmo tempo, a meta da aproximação neoliberal ao equilíbrio e a submissão de todas as funções sociais - e não somente as econômicas - ao critério de maximização dos lucros por parte das empresas privadas. Nesta linha, aparece o autodenominado capitalismo radical, em nome do qual se pretende entregar todas as funções públicas a empresa privada. O capitalismo radical enfoca agora o que ele chama de abolição do Estado e reivindica a tradição do anarquismo.

Para Hinkelammert essa anarquia do capitalismo radical deseja instalar o poder absoluto do capital, inclusive por cima das funções estatais. O anarquismo capitalista agora quer privatizar a polícia, e acredita ter abolido o Estado enquanto o privatiza. Esta união de anarquismo e capitalismo é mais plausível que o anarquismo romântico de observância socialista, porque nela são esclarecidos os mecanismos de condução que canalizarão a atividade social na sociedade libertadora do Estado.

Hinkelammert diz que formulado assim, Rockefeller, Margaret Thatcher e Ronald Reagan assumem a anarquia como seu ideal social. É o anti-intervencionismo absoluto, a nova ideologia totalitária do mercado total (Henri Lepage⁹). A política neoliberal é entendida agora como aproximação no tempo em direção de tal anarquia. Mas também esta anarquia não é mais que um conceito-limite inatingível, embora se diga agora que é “em princípio” atingível. O monopólio da aplicação legítima da força, segundo esta opinião, deve ser superado aplicando à sociedade inteira os mecanismos de condução do mercado, com o resultado de que as funções até agora centrais do Estado - em especial, a proteção do cidadão contra a força sob qualquer forma - sejam entregues a organizações privadas que operam segundo regras mercantis.

De acordo com Hinkelammert, a humildade acaba sendo a virtude cardinal daqueles que tornam seus os imperativos do mercado e derivam o conjunto de suas outras virtudes das exigências que tal mercado impõe. No outro pólo estão os orgulhosos que buscam a justiça social desafiando o mercado. O orgulho é seu vício cardinal, e reside no fato, suposto por Hayek, de que uma justiça social que desafia o mercado pressupõe um conhecimento perfeito que nenhum ser humano pode ter. Nesta pretensão de onisciência reside o orgulho denunciado por Hayek.

Hinkelammert conclui aqui que tem-se assim um mundo bem ordenado, no qual as classes dominantes representam o polo da humildade, isto é, da virtude, e as classes exploradas e dominadas o polo do vício e do orgulho. Os grandes são humildes e os pequenos orgulhosos: aqueles são grandes pela sua humildade e estes são pequenos pelo

8 FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo y Libertad*. Madrid: Rialp, 1966a.

9 LEPAGE, Henry. *Demain le capitalisme*. Paris: Le livre de poche, 1978.

seu orgulho. Ao tomar como base o pensamento neoliberal, conclui-se que a raiz de todos os males é o amor à justiça social, por ser implicitamente a pretensão do conhecimento total. Ao mesmo tempo, a raiz de todos os bens é o amor pelo dinheiro, pelo mercado e pelo capital.

No décimo e último ensaio **A aproximação ao equilíbrio: o anarcocapitalismo**, Hinkelammert alterca que ao analisar este marco teórico-categorial e sua transfiguração ética, torna-se fácil inferir um pensamento neoliberal propriamente teológico. De fato, o pensamento neoclássico envolve seu marco teórico-categorial em termos teológicos, ainda que estes estejam pouco desenvolvidos. No entanto, ao passar aos termos teológicos, identifica, obviamente, o conceito-limite positivo com Deus e o negativo com o diabo.

Hinkelammert vai afirmar que como o preço matemático é, segundo Hayek, simplesmente o preço da concorrência perfeita, sua referência é clara. Somente Deus pode conhecer tais preços - por ser ele onisciente. O ser humano, ao contrário, jamais terá essa capacidade. Esse Deus não é mais que uma hipóstase do mercado e, ao mesmo tempo, o Deus da burguesia. É aquele Deus que hoje já sabe algo que nenhum ser humano pode prever: o cambio do dólar amanhã. É o Deus cuja aliança convém ao homem de negócios. Com certeza, um Deus deste tipo é o Deus que santifica o *nómos* (lei) da sociedade burguesa.

Hinkelammert diz que Hayek fala de Deus nos seguintes termos:

“Nunca soube o significado da palavra Deus. Acredito que é de suma importância na conservação das leis. Mas, insisto, como não sei o significado da palavra Deus, não posso lhe dizer nem que creio nem que não creio em sua existência [...]. Mas também todos devemos admitir, simultaneamente, que nenhum de nós tem a posse de toda a verdade. De 'toda' a verdade, eu disse. E se você quiser definir Deus como a verdade, neste caso estou disposto a usar a palavra Deus. Ainda mais: sempre que você não pretenda possuir toda a verdade, eu estaria disposto a trabalhar de seu lado buscando Deus através da verdade.”¹⁰

Hinkelammert perguilha que Deus é aquele que sabe tudo. A partir daí torna-se visível onde está o diabo. Estando no paraíso, o diabo induz o ser humano para que coma da árvore do conhecimento, tal alimento permitir-lhe-á igualar-se a Deus. O diabo seduz o ser humano a “pretensão do conhecimento”: título da conferência de Hayek ao receber o prêmio Nobel. O título é uma simples alusão ao pecado do Paraíso, que é precisamente o pecado do orgulho, do levantamento do ser humano contra Deus. Deus é o sabe-tudo. Portanto, aquele que pretende o conhecimento total quer ser como Deus. Mas para assegurar a justiça social desafiando o mercado é preciso saber tudo. Portanto, reivindicar a justiça social é pretender ser como Deus.

Hinkelammert vai dizer que tal como está elaborado, este esquema teológico é absolutamente maniqueísta. Este esquema teológico transforma a reivindicação da vida

¹⁰ HAYEK, Friedrich. Entrevista. Santiago: Jornal El Mercurio, 12 abr. 1981.

humana frente ao mercado em pecado de Lúcifer, dando a defesa do mercado a mais absoluta legitimação. Desata a agressividade humana sem limites contra os dominados e divide a sociedade nos termos mais absolutos em uma sociedade de luta de classes a partir da classe dominante.

Hinkelammert conclui afirmando que Deus, os seres humanos humildes e o mercado enfrentam a Lúcifer, isto é, aos seres humanos orgulhosos e à reivindicação de justiça social, em uma verdadeira batalha messiânica que o neoliberalismo protagoniza.

REFERÊNCIAS

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo y Libertad**. Madrid: Rialp, 1966a.

HAYEK, Friedrich. **A pretensão do conhecimento**. Humanidades, Brasília: UnB, v. II, n.5, p. 47-54, out.-dez. 1983.

_____. **Entrevista**. Santiago: El Mercurio, 12 de abr. 1981.

_____. **La pretensión del conocimiento**. In _____. *Inflación o pleno empleo?* Madrid: Unión Editorial, 1976.

_____. **O Caminho para a Servidão**. Lisboa: Edições 70, 2009.

HINKELAMMERT, Franz. **Crítica da razão utópica**. São Paulo: Argos, 2013.

LEPAGE, Henry. **Demain le capitalisme**. Paris: Le livre de poche, 1978.

MORGENSTERN, Oscar. **Vollkommene Voraussicht und wirtschaftliches Gleichgewicht**. In: ALBERT, Hans. *Theorie und Realitat*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1964.

VON MISES, Ludwig. **Bureaucracy**. New Have: Yale University Press, 1946.